

O ‘ex’

SEPARAR
CASAIS

A figura do ‘ex’ — marido, mulher —
é um mundo. Há os que se ignoram,
os que se odeiam, os que se toleram, os
que são amigos. Como no casamento,
um ‘ex’ pode ser para sempre

REPORTAGEM DE **KATYA DELIMBEUF**

FOTOGRAFIAS DE **JOSÉ VENTURA**



Esta história esteve para não ser contada. Isto porque, passados 30 anos, a atual mulher de Francisco* ainda treme dos pés à cabeça perante a menção do nome da primeira esposa. Há histórias de divórcios muito más. A vergonha impede que sejam do domínio público. Foi por acreditar que devem ser divulgadas, para que não se repitam, que aceitámos incluir este testemunho, sem identificação. Este é o exemplo do que nunca se devia fazer.

Francisco vive em Braga com a segunda esposa, Raquel*. A 366 km, em Lisboa, ficou a ex-mulher, Judite*. Só ali o casal encontrou paz. Antes, passaram seis anos de inferno, com insultos permanentes e violência psicológica. Há mais de 30 anos, Francisco, bancário reformado de 59, foi casado com Judite, e dela teve um filho. O casamento “estorrou” ao fim de seis anos “por iniciativa dela”, conta. “Apaixonou-se por outro homem e saiu de casa para viver com ele, deixando o filho comigo. Meses mais tarde, quando esse relacionamento terminou, foi buscar o menino à escola e levou-o. Inscreveu-o noutra escola, perto da casa que alugara, e desapareceu. Naquela época, há 30 anos, não se punha a questão das custódias: os filhos eram das mães e ponto final.”

O divórcio, litigioso, arrastou-se dois anos e meio em tribunal. “Ela apresentou quatro advogados diferentes, ao longo do processo, e na hora da verdade, no notário, não aparecia ou recusava-se a assinar documentos”, continua. Entretanto, um ano e tal depois da separação, Francisco conheceu Raquel — a sua segunda esposa —, também divorciada e com uma filha da mesma idade do seu. Juntaram-se, passados oito meses.

No dia em que finalmente ficou resolvida a divisão da casa de família e dos bens, Francisco e Raquel abriram a porta daquela que seria a sua nova casa. Em vez da parte da mobília que lhe cabia, o casal deparou-se com uma casa completamente vazia... e um palhaço na parede da sala. Esquecida na despensa, ficara uma tábua de passar a ferro. Na vez seguinte em que o filho veio para o pai, “trazia o recado ensinado: ‘A mãe diz que se esqueceu da tábua, mas que ta oferece...’”

“Casei com uma estranha” Hoje, olhando para trás, Francisco confessa: “Casei com uma estranha”. José Gameiro, psiquiatra com uma longa experiência em terapia de casais, explica isto. “Ninguém conhece ninguém verdadeiramente. Quando alguém se separa, aparece uma pessoa ‘nova’, aparecem todas as coisas más que nós temos, e que alguns não conseguem controlar.” Mas o pior estava para vir. Instalados na casa há não mais de 15 dias, qual não foi o espanto do casal ao



EX AUSENTES

VIRGÍNIA GOMES VIEIRA FOI CASADA 30 ANOS. HOJE, NÃO TEM QUALQUER COMUNICAÇÃO COM O EX-MARIDO. AS FOTOGRAFIAS DO CASAMENTO FORAM TODAS PARA O LIXO. HÉLDER CECÍLIO (AO LADO), O EX-MARIDO DE VIRGÍNIA, TEM DIAS EM QUE NEM SE LEMBRA QUE FOI CASADO TANTOS ANOS. A VIVER EM VISEU, ESTÁ FELIZ, NUMA NOVA RELAÇÃO. "FAÇO COISAS QUE NUNCA FIZ ANTES"



ver o filho de Francisco na varanda do prédio da frente... Judite tinha comprado o apartamento dianteiro... e dedicava-se agora a insultar o ex-marido e a nova mulher livremente. "Diante do filho, dos vizinhos, fosse de quem fosse", conta o casal.

Durante seis anos — os que aguentaram naquela casa —, a vida deles foi um calvário. "Deixei de poder ir à minha varanda, ler ou apanhar sol, porque era insultado de tudo e mais alguma coisa. Os meus vizinhos olhavam para mim de viés, porque ela gritava que eu lhe batia. Pessoas vinham ter com a Raquel e diziam-lhe 'cuidado com esse homem...' E até amigos meus a quem ela dizia que eu lhe batia acreditavam... Lembro-me de uma vez em que ela se magoou nas mãos e andava a dizer que tinha sido eu..."

Raquel foi insultada "como gente grande". Viveu com enorme sofrimento aqueles anos. Ainda hoje, 30 anos volvidos, é visível a sua dor. "Nunca lhe respondemos. Nunca descemos ao nível dela", diz com orgulho, mas com manifesto desconforto. "Não me faltava vontade de lhe bater, de tal modo ela me provocava", admite Francisco, mas sabia que isso só a beneficiaria a ela.

O filho de Francisco foi usado inúmeras vezes como arma de arremesso. "Quantas vezes não apareceu lá em casa, quando eu não conseguia pagar a pensão até dia 8, com o recado: 'A mãe diz que ainda não lhe pagaste, por isso é para eu cá vir jantar'", partilha.

O menino cresceu a ouvir a mãe dizer mal do pai. Mas aprendeu a separar os universos. "Recordo-me, quando brincavam os dois — ele e a minha filha — de ele estar sempre a olhar para o relógio, para ir para casa antes da mãe chegar", conta Raquel. "Roupa que fosse para casa da mãe não voltava. E quando o menino vinha para nós, trazia sempre vestidas as roupas mais velhas, mais miseráveis." "Numa ocasião, ele pediu-me umas Sanjo", lembra Francisco, "e eu corri Lisboa inteira para lhas comprar. Só lhas vi uma vez nos pés, quando foi para casa da mãe." Para proteger a atual mulher, Francisco não se deixa fotografar. Mas como mensagem para os pais que passam pelo mesmo, quer deixar bem explícito: "As crianças nunca deveriam

ser usadas como brinquedos. Os adultos que se matem, que se danem — mas as crianças têm que ser preservadas."

Pacíficos e raivosos O psiquiatra José Gameiro não poderia estar mais de acordo. Ele recebe os "casos que correm mal". Diz que já ouviu coisas tão más no seu consultório que nada o surpreende. Para ele, "os filhos são o pretexto para que haja conflitos entre o ex-casal." E isso é um problema, porque "ser pai e mãe dos mesmos filhos cria uma ligação eterna, pela positiva e pela negativa. Quando há filhos, um ex é para o resto da vida", afirma o presidente da Sociedade Portuguesa de Terapia Familiar. "O ex faz parte do dia a dia do outro até os filhos serem jovens adultos. Depois, a necessidade dessa presença vai-se dissolvendo com o crescimento das crianças."

José Gameiro costuma dividir os ex em "pacíficos e raivosos". "Sendo que os pacíficos podem ser ausentes ou presentes, e os raivosos dividem-se entre os que usam os filhos para ferir o ex e os que canalizam a sua raiva diretamente para o ex." Nestes casos, o psiquiatra considera que existe frequentemente "uma irresponsabilidade emocional muito grande em relação às crianças. Quando surgem novos relacionamentos na vida do ex-cônjuge, por vezes anos após o divórcio, acontece muito o ex alterar o seu comportamento. A partir daí começa uma guerra, por-

A ex-mulher de Francisco comprou casa no prédio em frente, para o poder insultar à vontade



que a ideia de haver outra pessoa é intolerável. Não é algo racional, nem é que o ex queira voltar a viver com a outra pessoa, mas é como se o considerasse propriedade dela. E aí as mulheres são piores em relação aos filhos”, considera.

Dá exemplos: “Há pais e mães que proibem os filhos de falar com os novos companheiros dos antigos cônjuges... Querem continuar a controlar o que se passa na casa e no quotidiano do ex-marido ou da ex-mulher. Há crianças muito manipuláveis, que chegam a tomar o partido de um dos progenitores. E há miúdos capazes de fazer guerras terríveis. Como contrapartida, muitas vezes transportam o peso da separação com eles ao longo da vida. Sou contra os pais revelarem pormenores do seu divórcio aos filhos. Mesmo nos casos em que não há entendimento, é fundamental não dizer mal do outro progenitor em frente aos filhos. Até porque a tendência é para que metade das pessoas hoje em dia venha a ter dois casamentos”, diz. “E no futuro, daqui a 50 anos, a média será de três”. Aí, vamos ter de acumular ex... “O ex ideal? É o que colabora, que coopera, que é capaz de ser maleável ou flexível, de conversar calmamente com a outra pessoa. Que é feliz”, remata.

Os ausentes O caso de Virgínia Gomes Vieira e Hélder Cecílio entra na categoria dos ‘ex ausentes’. Após 30 anos de casamento e três

de namoro, dois filhos e quatro netos, nunca mais comunicaram desde a separação. Não voltaram a estar juntos em nenhum Natal, batizado ou festa de família. Ouvimos as versões de ambos. Ela: Virgínia, 59 anos, cozinheira. Separada há oito. Vive sozinha, em Caneças. Ele: Hélder, 61 anos, vendedor de roupa. Vive em Viseu, há sete anos, com uma nova companheira e o filho desta.

Diz ela: “Éramos um casal exemplar. Ninguém estava à espera. O que aconteceu foi que ele arranhou uma amante. E eu descobri. Mandei-o embora. Passados uns meses, ele voltou, pediu que o perdoasse. Ao fim de ano e meio de experiência, não deu certo”, resume. Depois de umas férias, descobriu no telemóvel do marido uma mensagem para a amante. Combinou um encontro com ela. Uma outra vez, seguiu-os, no carro do filho. “Fui à procura do marido dela, à praça onde ela trabalhava — ela era vendedora no mercado. Ia perdida. Peguei numa couve lombarda e bati-lhe. Chamei-lhe tudo e mais alguma coisa. A praça toda ficou em silêncio.”

Mas Virgínia foi mais longe. “Outra vez que apanhei nova mensagem no telefone, depois de ele negar que mantinha o caso, fui a casa dela. Dei-lhe uma tarefa, murros... Ela nem se mexeu.” Nessa noite, informou o marido que teria que sair de casa. Deitou todas as fotografias do casamento para o lixo. Do ex-marido guarda apenas as imagens em que ele está com os filhos, por achar que estes

Divórcios famosos que fizeram correr tinta

HENRIQUE VIII, O PIONEIRO (1533)

Deu origem a um cisma religioso, quando a Igreja Católica se recusou a dar-lhe o divórcio de Catarina de Aragão para casar com Ana de Bolena. Fundou o Anglicanismo e casou seis vezes.

MIA FARROW E WOODY ALLEN (1992)

Eram um casal icónico: ele realizava filmes que ela protagonizava. Durante 12 anos, filmaram juntos, tiveram três filhos e adotaram uma menina coreana: Soon-Yi Previn. Por causa dela, com quem Woody viria a casar em 1997, o casal rompeu. “O coração quer o quer”, justificou Allen.

PRÍNCIPE CARLOS E PRINCESA DIANA (1996)

Um dos mais mediáticos divórcios do século XX. A revista “Time” fez capa com a nobre que perdeu o título de Sua Alteza Real mas nunca deixou de ser a Princesa do Povo. O casamento, de 15 anos, foi marcado pela polémica.

RUPERT E ANNA MURDOCH (1999)

Ainda hoje é o divórcio mais caro de sempre: 1,2 mil milhões de euros foi quanto Anna Murdoch recebeu pelos 32 anos ao lado do magnata da comunicação social, com quem teve três filhos.

TOM CRUISE E NICOLE KIDMAN (2001)

Eram um casal poderoso de Hollywood. Passados 10 anos e dois filhos adotivos, os atores alegaram “diferenças irreconciliáveis”, o argumento preferido da Meca do cinema.

PAUL MCCARTNEY E HEATHER MILLS (2007)

A modelo e o cantor casaram em 2002, numa cerimónia que ficou célebre por custar 2,2 milhões de euros e ter convidados como Elton John, Eric Clapton ou Ringo Star. Cinco anos e uma filha mais tarde, o acordo de divórcio voltou a ficar famoso pelos cifrões: 27,4 milhões de euros.

SILVIO BERLUSCONI E VERONICA LARIO (2008)

Ao fim de 18 anos de casamento e três filhos, a segunda mulher de ‘Il Cavaliere’ cansou-se dos sucessivos escândalos com infidelidades, jovens mulheres — algumas menores —, prostitutas e candidatas a deputadas que mais pareciam concorrentes a misses e pediu o divórcio. Exige 3,5 milhões de euros por mês de pensão de alimentos. O acordo ainda não está finalizado.

TIGER WOODS E ELIN NORDEGREN (2009)

O escândalo do ano. O menino bonito do golfe, n.º 1 do mundo, marido insuspeito, é apanhado numa sucessão de infidelidades que lhe custaram a família e um internamento para tratar a adição ao sexo. Retirou-se do golfe cinco meses. O divórcio está orçado em 600 milhões de euros.

SUSAN SARANDON E TIM ROBINSON (DEZEMBRO 2009)

A surpresa. Ao fim de 23 anos de vida a dois, este casal de atores, um dos mais sólidos de Hollywood, anunciou a separação.



EX AMIGOS TUCHA E YVES SÃO O EXEMPLO DE UM EX-CASAL QUE SE DÁ LINDAMENTE E VÊ-SE COM MUITA REGULARIDADE. CONTAM UM COM O OUTRO, MORAM A 3 KM DE DISTÂNCIA. “TENHO POR ELE UM AMOR DE IRMÃO”, DIZ ELA

têm o direito de ter um registo do pai. Desde então, há oito anos, nunca mais voltou a falar com ele. “Tenho medo do que pudesse sentir se o visse com outra pessoa”, assume Virgínia. “Acho que ainda ia mexer comigo...” Para ela, que já teve outros relacionamentos, “casar outra vez está absolutamente fora de questão.”

A versão dele. A 300 km de distância, em Viseu, Hélder reconstruiu a sua vida. Há sete anos que vive com outra pessoa e diz estar muito feliz. “Rejuvenesci para aí uns 15 anos”. Explica: “Faço coisas com esta mulher que nunca fiz nos 30 anos em que fui casado... Conversamos durante horas, fazemos viagens, leio, ouço música, cozinho... Fiquei no meu casamento tanto tempo por comodismo.. A coisa ia funcionando. Mas um casamento desgastado, com a ocasião por perto...” Aponta como principal causa para a rutura o afastamento do casal numa altura de muito trabalho: “Trabalhávamos juntos, num restaurante nosso até à 1h da manhã. Deitávamo-nos às 2h, para acordar às 7h. Que vida é que tínhamos? Daí até eu meter a pata na poça foram dois anos”, assume.

Hoje, vê a ex-mulher como uma pessoa que o acompanhou durante um período da vida. “A mãe dos meus filhos. Isso tenho que lhe agradecer”, diz. Faz concessões: não foi ao batizado da neta porque sabia que se fosse, a ex-mulher não iria. Mas não sente que tenham qualquer motivo para falar. “É como

se tivesse fechado um livro. Às vezes, até esqueço que fui casado 30 anos.”

‘Amor de irmão’ No outro extremo do espetro estão Tucha e Yves. Ana Rebotim, 42 anos, e Yves Balaine, 49, estão divorciados há cinco anos, mas continuam a sentir-se parte da mesma família. Entreeajudam-se, sabem que podem contar um com o outro em alturas difíceis, moram a 3 km um do outro, na mesma herdade, e sentem que vão ser amigos sempre. Dois exemplos: “Quando o meu carro avaria, a primeira pessoa a quem me lembro de ligar é ao Yves”, diz Tucha. E se um está doente, o outro vai a casa deste levar-lhe sopa, medicamentos, ou acompanhá-lo ao médico, se for caso dis-

so. “Já aconteceu o Yves ficar em minha casa uma vez que estava doente e eu tomar conta dele”, conta.

A portuguesa e o belga foram casados 12 anos, a somar a dois de vida em comum, da qual nasceu uma filha, hoje com 16 anos. Sabem que são uma exceção no universo dos casais divorciados, mas Yves aponta o fator cultural: “Na Bélgica, é muito normal as pessoas que viveram juntas e têm filhos continuarem a dar-se, os ex-maridos com as novas mulheres, etc. Aqui em Portugal, não é isso que vemos. Pelo contrário. E com pena. No nosso caso”, continua, “vivemos 14 anos juntos. Que necessidade é esta de destruir o que se teve com essa pessoa? Entrar em guerra com um ex é quase negar-se a si próprio”, considera o gestor.

É notória a amizade entre os dois. Ao lembrar a sua história, fartam-se de rir, cúmplices. “O nosso casamento correu sempre bem, até aos últimos dois ou três anos”, começa ela. “Eu queria muito — muito — ter uma família. Por opção, vivia praticamente em função do Yves e da nossa filha. Comecei a sentir-me vazia, como se não tivesse nada meu.” Trabalhavam juntos, o que não ajudava a relação. “As desilusões que levava para o emprego eram as mesmas que tinha em casa”, queixa-se. “Não me sentia valorizada. Era como um bem adquirido. Sentia-me muito sozinha. Entrei num processo de frustração. Fomo-nos afastando. Quando demos

“O ‘ex’ ideal colabora, é capaz de conversar. É feliz”, diz o psiquiatra José Gameiro



EX ULTRA COOL CAMANÉ E SUZY SÃO UM EX-CASAL QUE "BEBE COPOS". O AMBIENTE ENTRE TODOS É MUITO DESCONTRAÍDO. A NOVA MULHER DE CAMANÉ E O NAMORADO DE SUZY CONVIVEM EM CONJUNTO, COM A MAIOR DAS NATURALIDADES

conta, existia um fosso entre nós. No fim, eu sentia que tinha um sócio, com quem partilhava uma casa e uma filha”, diz ela.

A separação foi muito dolorosa para ambos, admitem. Mas Yves não se sente menos disponível emocionalmente por se ter divorciado — antes pelo contrário. “Talvez tenha hoje mais disponibilidade para um compromisso. Tento ser mais autocrítico, não cometer os mesmos erros. Profissionalmente, já só quero fazer coisas por gosto. Não há disponibilidade sem tempo.” Tem uma relação nova há um ano e meio — e sim, não é sempre fácil explicar a presença da ex-mulher na sua vida. Mas está confortável nesse caminho.

Tucha tem mais reservas. Também ela teve outro relacionamento, de ano e meio, depois do divórcio, que não deu certo. “A minha teoria é que as pessoas a partir de uma certa idade entram nas relações com uma série de traumas, uma espécie de saco às costas, e é difícil as coisas funcionarem. É precisa muita paciência e tato para um segundo envolvimento dar certo”, considera. “E as pessoas têm de estar bem na sua pele.” “O meu namorado não achava graça nenhuma à presença do Yves na minha vida, dizia que ele dominava o meu dia a dia... De início aquilo chateava-me, mas percebi que ele tinha razão.” Hoje, o ex-casal sente-se pacificado com a sua relação. Diz Tucha: “Tenho por ele um amor de irmão.”

Ex 100% cool Um passo ainda mais à frente na escada do ‘quão bem podem dois ex dar-se’ estão Camané e Suzy, casados doze anos e separados há oito. Com dois filhos em comum, estão ambos em novas relações e convivem todos assiduamente. Carlos Manuel Rodrigues (Camané) é proprietário de um bar, Susana Dinamen (Suzy) é funcionária pública — mas fazem lembrar o casal de *hippies* para quem está sempre tudo bem. Com exceção de serem um ex-casal... Deixarem de se dar nunca foi uma possibilidade em cima da mesa, embora admitam que “tem de haver um período de luto.” Mas nunca lhes passou pela cabeça dificultarem a vida ao outro ou aos novos parceiros. Na verdade, o atual namorado de

Suzy até lhe foi apresentado pelo ex-marido...

Desde que se separaram, há oito anos, já tiveram, ambos, vários relacionamentos. Camané vive há seis anos com uma pessoa, de quem tem um filho, Lucas. E Suzy namora, há dois anos e meio, com Miguel, um divorciado com dois filhos. Todos se dão com todos — e não podia ser de outra maneira. Depois de um namorado que Suzy teve a que Camané não achava muita graça, este apresentou-lhe o Miguel. E pôs o amigo à vontade: “Para mim, é um descanso saber com quem os meus filhos estão!” Por seu lado, a mulher de Camané trabalha com Miguel, o namorado da ex-mulher... Fica tudo em família, brincam. Os relacionamentos entre todos são muito descontraídos. O que nem sempre foi pacífico para a atual mulher de Camané, admite ele: “De início, ela estranhava a nossa proximidade, a intimidade física — os beijinhos e abraços —, as bebedeiras juntos... Ainda hoje, às vezes, custa-lhe a encaixar.”

“Temos orgulho na nossa relação”, assumem. “Acho que é um bom exemplo!” Têm pena de ver casos tão maus à sua volta. “O que faz falta é as mulheres beberem copos com os ex-maridos”, brinca ela. “A grande questão é o sentimento de posse”, diz ele, mais a sério. “Se as pessoas se respeitarem e respeitarem as vontades dos outros, é completamente diferente.” Afinal, um ex também pode ser um amigo para sempre. ■

unica@expresso.impresa.pt

“Entrar em guerra com um ex é quase negar-se a si mesmo”, diz Yves. Qual a necessidade?